

Totta, A., e F. Machado. 2022.

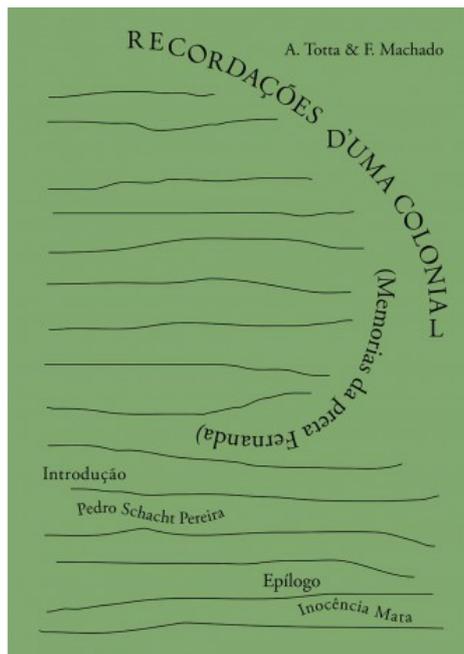
***Recordações d'uma colonial (Memórias da
preta Fernanda). Lisboa: Sistema Solar.***

Danielle Duque Baracho

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

daniellebaracho@edu.ulisboa.pt

ORCID: 0009-0003-1426-527X



ORIGINALMENTE PUBLICADA em 1912, a obra *Recordações d'uma Colonial (Memórias da preta Fernanda)*, assinada pelos nomes de A. Totta e F. Machado, foi recentemente reeditada pela editora Sistema Solar, no ano de 2022. Inaugurada com a introdução de Pedro Schacht Pereira e concluída com o epílogo de Inocência Mata, os momentos ensaísticos de abertura e de fecho da nova edição auxiliam o público leitor contemporâneo a, se não compreender por completo, ficar minimamente elucidado sobre as incongruências curiosas que permeiam as publicações desta obra. Assim, o processo de leitura da narrativa, antes mesmo de começar, já prenuncia uma experiência literária desafiante, que se encerra com a abertura para variadas reflexões.

O livro realiza-se como relato memorialístico de uma mulher negra nascida em África no final do século XIX e que viveu na metrópole lisboeta até princípios do século seguinte. No decorrer do enredo, ela apresenta-se (ou é apresentada, como veremos *a posteriori*) pelo nome de Andrêsa do Nascimento, mas que escreve sob o pseudônimo literário de Fernanda do Vale, conhecida popularmente em sua época como “preta Fernanda”. A obra divide-se em dez capítulos cujos subtítulos dão indícios do que acontecerá no momento narrativo a seguir, fato este que instiga e convida quem lê a saciar sua curiosidade.

Classificado como *Bildungsroman* satírico nas palavras introdutórias de Pedro Schacht Pereira (Totta & Machado, 2022: 11), o livro inicia-se com a descrição de eventos da infância da narradora na ilha de São Tiago, em Cabo Verde. Retratam-se elementos culturais cabo-verdianos, como a cachupa, as rasgas dançadas ao som das mornas e o modo de falar incontido entrecortado pelos recorrentes “Ai-ués” – expressão definida pela narradora como “grito nacional de guerra e que é a locução que nós outros, os fuscos, generalizamos ao amor, á alegria, á colera, á admiração” (Totta & Machado, 2022: 35). Em seguida, lemos sobre a sua mudança para Dakar, levada pelo seu primeiro amor, Jerónimo Antunes Martins, um marinheiro português. Assistimos ao seu envolvimento na vida boémia e em diversas relações amorosas, marcadas pela sexualização de seu corpo. O seu desenvolvimento é, nesse cenário, marcado pela trajetória de assimilação cultural que vivencia, movida por um ambicioso desejo de embranquecimento a fim de pertencer à alta sociedade lisboeta.

Após essa breve contextualização narrativa, convém enaltecer a estimulante relação entre a personagem literária e a histórica. Embora escassos, os documentos factuais encontrados associam alguns dos eventos narrativos à pessoa de Andreza de Pina. Contudo, verifica-se uma incompatibilidade entre as vivências da protagonista e as informações biográficas associadas a Andreza, a exemplo de sua terra natal ter sido Guiné-Bissau, e não Cabo Verde, como revela a voz que narra (Beleza, 2014). A existência de uma figura real leva-nos a uma série de indagações acerca do que efetivamente aconteceu.

Assim, a experiência de leitura é atravessada por uma posição crítica do leitor mais curioso, que busca se manter atento aos acontecimentos relatados, com uma constante desconfiança sobre sua veracidade. No entanto, ressalvo que o grau de ficcionalidade da obra não lhe retira o potencial de servir de testemunho histórico de seu tempo. Nesse percurso social e literário, são descritos estereótipos raciais e de género, tendo a preta Fernanda como corpo e subjetividade simbólica do imaginário colonial português do início do século XX.

A literatura, em textos como esse, lembra-nos o quão ténue é o limiar entre a ficção e a não-ficção. Com efeito, essa aura de incertezas enriquece a experiência literária ao entrelaçar os mundos real e imaginado, e põe-nos, conseqüentemente, a questionar os fatos históricos que nos são contados como verdades irrefutáveis e absolutas. Cabe-nos, portanto, questionar sobre o tanto de ficção que há na história, e, por seu turno, o tanto de história que há na ficção. É fundamental salientar, portanto, a importância da narrativa literária para compreender o passado, ou ao menos, como uma possibilidade de contá-lo a partir de uma outra perspectiva.

O interessante diálogo que a obra estabelece com quem a lê cria um espaço de partilha intimista. Somos regularmente interpelados por uma voz que nos cativa a atenção. Nas notas do prefácio, a suposta escritora confessa-nos ser movida por um “desejo sincero” (Totta & Machado, 2022: 25) a fim de convencer-nos da veracidade norteadora do relato de suas reminiscências. A despeito de sua sinceridade, nota-se que tal ideia é frequentemente retomada ao longo do livro, como no excerto: “prosigamos no relato fiel da minha acidentada e aventureira existência” (Totta & Machado, 2022: 35) – tentativa constante de persuadir sobre o grau de franqueza da sua autobiografia.

A este propósito, é inevitável não mencionar a instigante questão da autoria na qual a obra assenta. Enquanto a publicação original associa-a aos autores A. Totta e F. Machado, a segunda edição, de 1994, propôs a mudança de título de *Recordações d'uma Colonial (Memórias da preta Fernanda)* para *A Preta Fernanda: Recordações d'uma Colonial* e substituiu a coautoria pelo pseudônimo literário de Fernanda do Vale. Tal escolha editorial insinua que o texto fora redigido pela protagonista e ratifica a proposição de ser uma autobiografia propriamente dita.

Fascinante seria pensar que a obra oferece-nos a partilha do ponto de vista de uma mulher negra que, nos tempos do império português, desfrutou do privilégio de narrar-se, em uma conjuntura na qual a escrita e a sua posterior publicação era definitivamente excepcional para o grupo ao qual pertencia. O que se percebe, por sua vez, é um discurso construído em um tom demasiado difamatório para falar de si, envolvendo uma depreciação de seus próprios hábitos culturais e o convencimento de sua incivilidade, como quando refere-se aos “nossos espíritos tacanhos e incivilizados” (Totta & Machado, 2022: 35).

De acordo com Diana Simões (2018), o que decorre desse discurso, em verdade, é um retrato caricatural da preta Fernanda, apresentado pelo olhar de dois homens brancos portugueses. Assim, ao invés de sujeito, Fernanda presta-se enquanto objeto visionado pela classe dominante. Curioso é, ao estruturar a narrativa em primeira pessoa e sugerir o cariz autobiográfico, querer fazer-nos crer que este objeto literário é um sujeito conivente com os valores coloniais da época.

A mais recente edição, de 2022, foi uma adição urgente, nesse contexto, com o intuito de frisar a impossibilidade de as memórias terem sido escritas exclusivamente pela figura de Fernanda do Vale, ao atribuir a autoria a Totta e Machado. Embora não se negue que possa ter havido a partilha de informações biográficas com os autores, a certeza de seu completo envolvimento no processo da escrita dos relatos é duvidosa. Fernando Beleza (2014) e Diana Simões (2018) convergem ao dizer que se trata de uma autobiografia ficcionalizada e, no epílogo da nova edição, Inocência

Mata (Totta & Machado, 2022) sintetiza que se trata de um “texto que imita, não com grande sucesso, uma narrativa autobiográfica” (225).

Embora esta não seja, efetivamente, a visão da preta Fernanda sobre si mesma, através da narrativa é possível vislumbrar como as mulheres negras oriundas dos territórios colonizados eram vistas pela sociedade. Esse registro de sua imagem revela o programa político de hierarquização racial e de gênero que subsidiou a consolidação do império.

Também importa destacar o uso da sátira como estratégia literária que viabilizou a narração de uma mulher negra de ascendência africana falar sobre si mesma. O humor satírico, incomumente usado em narrativas de teor autobiográfico, confere um ritmo provocativo ao texto, uma vez que é preciso ler para além dos significados explícitos, as mensagens subliminares que denunciam as marcas da lógica colonial. A leitura, por conseguinte, torna-se hábil, mas sem renunciar à sua densidade crítica.

Advirto ainda que a apreciação das *Recordações* (2022) pode ser proveitosa tanto para a comunidade crítica, quanto para um público leitor mais generalista. Este, presumivelmente, envolver-se-á na textualidade humorística e no ritmo dinâmico que conduz o desencadeamento dos episódios, e facilmente captará as ideias nacionalistas, racistas e misóginas subjacentes ao texto. Aquela, por seu turno, pode contribuir com a formalização da ruptura dos silenciamentos históricos e fitar, classificar e analisar um lado da historiografia literária que é marginalizada quando se exalta o Estado-nação português do século XX.

Pertencente ao conjunto de obras designadas por Literatura Colonial Portuguesa, revisitar o livro na atualidade contribui para o processo de descolonização do imaginário ao iluminar um passado sombrio, constantemente negligenciado pela comunidade portuguesa. Pedro Schacht Pereira (2022), ao introduzir a nova edição, afirma que “os fantasmas coloniais andam de novo à solta” (p.19). Dito isto, é imperativo reconhecer o que na realidade translúcida do cotidiano tem raízes passadas. Assim, fitando as marcas do império, será possível depreender quais sombras precisam ser iluminadas e, *a posteriori*, mitigadas.

Após mais de cem anos de sua primeira edição, o livro *Recordações d’uma colonial (Memórias da preta Fernanda)* (2022) continua a ser particularmente valioso porque cristaliza o acesso a uma mundividência que nem mesmo a história é capaz de fornecer aos leitores e leitoras contemporâneos. Afinal, a literatura permite uma narração parcial, ou seja, um envolvimento com certa subjetividade, da qual a história oficial intenta, ao menos superficialmente, fugir.

Diria, por fim, que as páginas fantasmagóricas das *Recordações* (2022) precisam ser, de fato, recordadas, pois por mais que ficcionalizem uma experiência individual, encenam todo um conjunto de estereótipos que ainda persistem na contemporaneidade e que não podem ser esquecidos. *A priori*, porque é necessário ter consciência do passado para compreender o presente. Por último, mas não menos importante, para evitar a repetição de erros históricos na construção de novos enredos, sejam esses reais ou imaginados.

Referências

Beleza, Fernando. 2014. “Das Margens do Império: Raça, Género e Sexualidade em Recordações d'uma Colonial (Memórias da preta Fernanda)”. *Ellipsis. Journal of the American Portuguese Studies Association* 12: 215-41.

Simões, Diana Gomes. 2018. “Recordações d'uma Colonial: autobiografia credível ou sátira racista?”. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, vol. 4, n.º especial (jan./jun.): 97-110.

Totta, A., e F. Machado. 1912. *Recordações d'uma Colonial (Memórias da preta Fernanda)*. Lisboa: Oficina de Ilustração Portuguesa.

Vale, Fernanda. 1994. *A Preta Fernanda: Recordações d'uma Colonial*. Lisboa: Teorema.

Danielle Duque Baracho é mestranda em Literaturas, Artes e Culturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciada em Português com Menor em Línguas Modernas (Inglês) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. As suas áreas de maior interesse são Estudos Pós-coloniais, Estudos de Género, Literaturas de Língua Portuguesa e Estudos Comparados, sobretudo no contexto afro-luso-brasileiro. Na sua dissertação de mestrado, desenvolve reflexões em torno das identidades femininas em trânsito nas obras *As Telefones* (2020), de Djaimilia Pereira de Almeida, e *Essa dama bate bué!* (2018), de Yara Monteiro.

© 2024 Danielle Duque Baracho

Licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).